

# ***Diário da Minha Guerra*** ***na*** ***CCav1773***



Vítor Manuel da Silva Abreu  
1º Cabo n/m 11350567



Lisboa, 14 de Novembro de 1967



**Angola**

**28Nov67 > 16Dez69**

**– 28 de Dezembro de 1967**

Fomos fazer uma operação à “Fazenda 28 de Maio”.

Esta operação, por ser a 1ª que fizemos, foi uma das mais difíceis para mim e todos os camaradas que nela participaram.

No 1º dia tudo correu normalmente até às 14:00, mas a essa hora já não conseguíamos andar mais, pois o cansaço tomou conta de todos nós. Acampámos num morro para almoçar e ali ficámos: pouco comi, mas bebi mais de um cantil de água; passados momentos adormeci, só acordei já o sol se estava a pôr.

Na minha secção foram escaladas as sentinelas: a mim coube-me das 23:00 às 24:00 e das 04:00 às 05:00. Quando me acordaram estava com uma sede medonha e com a sofreguidão bebi o resto da água: por ainda sermos “maçaricos”, não sabíamos beber a água em conta; e quanto mais bebíamos, mais sede tínhamos...

Na hora da minha guarda bastante receio tive, pensando a cada instante em ser o inimigo, por não estar acostumado aos ruídos da selva. Passado pouco tempo de estar de guarda, de novo a sede tomou conta de mim e, por não ter mais água, tive de ir roubar aos cantis dos camaradas que dormiam sossegadamente.

Finalmente chegou a manhã e logo cedo começámos a preparar para seguir. Nesse dia, nada houve de especial até às 15:00. A essa hora encontramos um ribeiro, onde paramos para almoçar e matar a sede à vontade. Enquanto comíamos calmamente, ouvimos uns tiros à nossa frente... ! Era um turra, que vinha pelo trilho e os camaradas da CCav1774 quiseram apanhá-lo à mão, mas ele conseguiu fugir.

Acabada a refeição, continuámos até encontrar as ruínas da tal fazenda e, por não haver mais trilho, resolveram que ali ficássemos. Quando estávamos com tudo arranjado – alguns até fizeram abrigos com pedras e tijolo, enquanto eu e outros três íamos ficar em cima do capim, com milhares de formigas por companheiras –, os guias foram falar com o capitão, dizendo que ali era um sítio muito perigoso para ficar. Então, resolveram voltar pelo mesmo caminho e, mal recomeçámos a andar, ouviu-se uma rajada dos turras: foi uma sorte, em não termos ali ficado. Reiniciada a marcha, com os últimos raios de sol a penetrar na densa floresta, enquanto não escureceu completamente, tudo foi bem. Mas logo depois, veio a noite cerrada e tivemos de nos agarrar uns aos outros, para não nos perdermos. A meio da noite, os guias desorientaram-se e depois andámos por aquela mata que parecia não ter fim: eu, com umas dores de cabeça terríveis; atrás, um camarada a chorar; mais à frente, o camarada que vinha agarrado a mim caiu num grande buraco e chamou por mim, mandei logo parar. E assim prosseguimos aos tropeções, a andar dormindo em pé, durante aquela noite que, para todos nós, foi uma das que mais custou a passar.

Após o pequeno-almoço regressámos pelo trilho da véspera, mas quando chegámos perto do morro, onde na noite anterior pensámos em pernoitar, ouvimos tiros: os turras estavam no mesmo sítio à nossa espera, ripostámos com bastante fogo e algumas morteiradas, pondo-os em fuga. Entretanto, começou o sol a apertar e a sede a tomar conta de nós. Como sabíamos que mais à frente havia um rio, íamos andando com mais esperança e bebendo o resto da água dos cantis. Mas quando chegámos ao rio, houve ordem do senhor doutor (por alcunha “mata-gatos”), para que ninguém bebesse daquele rio porque, dizia ele, “a água estava estragada”. Ora nós, que já tínhamos dali bebido, a partir de então ficámos-lhe com um ódio que não o podíamos ver. Sempre a andar e sem água, a minha língua já parecia um bocado de cortiça.

Chegados finalmente à picada, completamente exaustos e com uma sede louca, transmitiram para Nambuagongo o pedido para nos virem buscar e trazer bastante água.

Mas ainda demoravam um bocado e decidi comer qualquer coisa: a muito custo, lá consegui mastigar um bocado de chouriço; ainda fiquei com mais sede... mas a água já estava perto.

Ao longe, já se via o pó que as viaturas faziam, com um carro-de-combate à frente. Mais uns minutos, logo nos apareceram camaradas com cantis na mão, para nos dar a tão preciosa água. Assim acabou esta operação, que foi onde mais sede passei.



### **– 5 de Janeiro de 1968**

Foi um dia de luto para a nossa Companhia!

Saíram dois pelotões para ir buscar o correio a Balacende, um acampamento vizinho; do meu pelotão ninguém foi.

A meio caminho tiveram uma enorme emboscada, à frente ia um jipão com uma arma pesada, os turras mataram logo um alferes e outro ficou gravemente ferido. Os meus camaradas (ao que me disseram), não queriam crer no que se estava a passar: os turras sempre a fazer fogo e a vir à picada com catanas até que um deles, já com o corpo cheio de balas mas não havendo maneira de cair, atingiu mortalmente no pescoço outro alferes, que os atacantes tentaram arrastar para a mata mas, não o conseguindo, ainda levaram consigo três armas nossas. Deixaram sem vida mais outro camarada meu e ainda cinco feridos, um dos quais ficou inutilizado de um braço.

Quando chegaram ao acampamento, houve gritos, houve lágrimas e um ódio enorme: tínhamos de vingar os camaradas mortos.

Passada uma semana, a “Maria Turra” na rádio do inimigo dizia que, na parte deles, tiveram trinta mortos.

Mas a vingança, não estava feita: nós, tínhamos que destruir, que matar!



### – 14 de Janeiro de 1968

Sáímos para uma operação, que para mim foi a mais difícil, por ser a que demorou mais tempo: seis dias.

Logo no 1º dia, os guias descobriram uma “árvore” onde um turra ia todos os dias buscar vinho: como nesse dia ainda não tinha aparecido, resolveram que ali ficássemos emboscados e passadas cerca de duas horas ele apareceu: tentámos agarrá-lo à mão, mas deu pela nossa presença, começou a gritar “aiué-aiué” e conseguiu fugir.

Proseguimos por um trilho bastante pisado e ao iniciar a escalada de um morro sofremos um forte ataque. No momento a aviação andava por ali, os aparelhos foram chamados, a minha secção estava na frente e eu estava ao pé de dois guias que, quando ouviram “fogo”, puseram os bornais à frente da cabeça e tremiam como varas verdes. Mal a aviação começou a fazer fogo, os turras não piaram mais. Seguimos e mais à frente ouvimos uma rajada: um guia deu dois tiros e depois disse que viu um gajo atrás de uma árvore. Entretanto, um furriel adoeceu e ali ficámos à espera do heli para o evacuar.

No 2º dia tudo decorreu sem sobressaltos, apenas o cansaço se apoderava de nós, por causa dos constantes morros que tínhamos de subir.

Logo pela manhã do 3º dia, a CCav1774 seguiu por um trilho e nós por outro. Ao iniciar a subida de um morro, quando começou a chover vestimos as capas e um camarada deu uma gatilhada, que por sorte não atingiu o enfermeiro, que ia mesmo ao pé de mim. A chover torrencialmente, começou a parte mais difícil da operação porque tínhamos de andar agarrados a árvores, para não escorregar; e quando era a descer, por nos ser impossível caminhar, vínhamos aos rebolões todos cheios de lama.

Por fim chegou a noite mas, como não parasse de chover, tivemos de ficar num morro. Todos molhados até aos ossos, deitados em cima da lama para descansar: até madrugada alta não consegui pregar olho, a tremer com frio os meus queixos pareciam castanholas, a vomitar água e a pouca comida que tinha no estômago, não vieram as tripas pela boca fora nem sei como; toda a noite nisto, só pouco antes do alvorecer consegui fechar os olhos.

Na manhã daquele 4º dia, começou o sol a romper e enxugámos a roupa no corpo. As rações de combate tinham acabado, transmitiram para Nambuangongo o pedido de reabastecimento e ali passámos o resto da manhã até à chegada dos helis que trouxeram, além das rações de combate, tabaco e aguardente: depois daquela horrível noite, soube bem beber uma pinga de aguardente. Nessa altura, quando os guias procuravam um ponto de orientação, da avioneta “DO” informaram que o rio Lifune ficava à nossa frente. Então proseguimos pelo mesmo trilho mas, não sei como, os guias enganaram-se e andámos todo o resto do dia à volta desse morro, até irmos novamente parar ao mesmo sítio: depois de tanto andar, ao ver que regressáramos ao anterior local, ficámos completamente desalentados. Novamente passamos ali a noite, esta um pouco melhor que a anterior, porque o solo estava quase seco.

No 5º dia, chegámos ao Lifune e ali matámos a sede: para beber a água daquele rio, não era preciso pôr comprimidos, nem nada.

Para passar a vau, tivemos de nos descalçar e arregaçar: muitos camaradas caíram dentro de água; mas eu, com muito jeito, lá consegui passar sem ir ao charco.

Continuámos a nossa marcha, eu andava porque os outros aguentavam, era só força de vontade porque força física já não tinha, cerrava os dentes e dizia cá para comigo “se eles aguentam eu também hei-de aguentar”; e lá ia, com a ajuda de Deus. Nesse dia nada mais houve a assinalar. O sítio onde pernoitámos era perto do objectivo: estando a dormir e encontrando-se um negro de sentinela, fomos sobressaltados por gritos e, pensando que eram os turras, preparámo-nos para abrir fogo. Afinal, foi apenas um camarada que estava a sonhar alto e um outro estremunhado, quando viu o sentinela, gritou logo que era turra. Quando novamente nos deitámos, ouvimos as bombas das peças de artilharia a passar por cima de nós: estavam a bombardear toda aquela zona.

Mal chegou a manhã do 6º dia, seguimos com mais cautela porque se viam sinais da passagem recente de turras, por ali. Ao entrarmos numa mata, fomos novamente atacados em cheio: nesse momento, vinha mais ou menos a meio da Companhia e não fiz fogo nenhum porque era tudo lá à frente; passados poucos momentos, começaram da frente a chamar pelo enfermeiro e a pedir o morteiro, vi logo que já estava alguém ferido; ouvi começar a chuva de morteiradas e passados instantes soube que um dos guias tinha sido ferido numa perna. Os outros guias disseram que por ali era impossível seguir, então virámos à esquerda para ver se encontrávamos o mais depressa possível um morro de onde fosse possível a evacuação do ferido, mas só passadas algumas horas encontrámos o sítio adequado para o heli pousar. Do outro lado havia mais um morro e, quando ia na frente junto aos guias, de repente os turras começaram a disparar, sentia as balas a assobiar por cima da cabeça e disparei alguns tiros: os turras suspenderam o tiroteio, seguimos para controlar esse morro e ainda ouvimos mais alguns tiros, fizemos uma linha e começamos a subir até chegar ao local onde eles tinham estado. Passado um bocado e quando começámos a comer, os turras reiniciaram o tiroteio: com raiva, gritei logo “Aí filhos da puta, que não deixam a gente comer... !”; disparámos mais alguns tiros e umas morteiradas, eles não fizeram mais fogo. Pouco depois chegou o heli e rapidamente o ferido foi transportado: admirámos a resistência daquele guia que, sangrando e com uma bala na perna, ainda conseguiu andar tanto. Ao entrarmos novamente na mata, sofremos um grande ataque e compreendi que o acampamento turra estava a pouca distância: fizemos fogo em grande escala, porque tínhamos de lá entrar a todo o custo; eles pararam e nós seguimos, fomos encontrar o acampamento já sem ninguém. Eu ia na retaguarda e os meus camaradas, conforme iam passando revista, queimavam as cubatas e quem vinha atrás passou já com o fogo muito próximo; saímos de lá sempre a correr. No dia anterior, nada tinha ocorrido de especial, excepto quanto ao cansaço que nos invadiu. E agora continuávamos com mais coragem, porque já íamos de regresso.

Mas naquele 6º dia, ao entrarmos numa mata bastante fechada, os guias voltaram a perder o rumo: era um sítio em que apenas havia uma grande poça, de água podre e cheia de bichos, onde as pacaças iam beber; era ali que teríamos de matar a sede e encher os cantis para o resto da caminhada. Então comunicámos à aviação para nos vir orientar mas, quando a “DO” sobrevoou as redondezas, era impossível comunicar o exacto local onde nos estávamos, porque a mata era cerrada e da avioneta nada se via para baixo. Lançámos uma granada de fumo e então indicaram-nos que a “Fazenda Águas Belas” estava próxima e à nossa frente. Foi uma alegria, sabermos que não tínhamos vindo por caminho errado.

Passado pouco tempo, entramos na fazenda. A partir daí, todos queriam ir na frente.

Por fim, regressámos ao acampamento da Companhia, bastante cansados mas sem qualquer azar, Graças a Deus.



### – 14 de Março de 1968

Saíram as três Companhias do BCav1927, para uma operação na área do Canacassala. Ao entrarmos na mata já de noite, seguimos por um grande trilho. Mais à frente, uma das companhias entrou num trilho errado, a progressão foi suspensa e aproveitámos para dormitar um bocado.

Decorridas cerca de duas horas, reiniciámos a marcha: o resto da noite passou-se sem novidades. Na manhã seguinte ouvimos galos a cantar, estávamos perto do objectivo. À nossa frente uma grande lavra de milho e depois a mata, onde estava o acampamento turra: passados instantes, disparámos uma bazucada para a mata e seguidamente, à vez e por pelotões, atravessámos a lavra; dali até ao acampamento, sofremos 15 ataques; na altura tinha às costas um cacho de bananas e, já chateado de me atirar tanta vez para o chão, abandonei as bananas.

Quando preparávamos a reunião com os outros, chegou a aviação que iniciou o bombardeamento do objectivo mas uma dessas bombas caiu muito perto de mim, projectando ramos e pó, levando-nos a recuar o mais possível por receio de algum engano fatal. Assim que a aviação desapareceu, corremos para o acampamento turra, à entrada ainda tivemos mais um ataque mas por fim estávamos lá dentro: por todos os lados galinhas a fugir, revistámos as cubatas onde encontramos uma arma, munições, catanas e muitos outros apetrechos; também apanhámos muitas galinhas. Durante o percurso de regresso, a “DO” localizou um grupo turra, emboscado num morro e no trilho, começou a disparar e pouco depois chegaram os jactos, que bombardearam noutro ponto. Seguimos o mais rápido possível, sempre com a “DO” a acompanhar-nos e chegámos sem novidade à picada onde os outros camaradas, com os carros-de-combate, estavam à nossa espera. Quando reentrei no acampamento da Companhia, vinha arreventado de todo: além do que me pertencia, trazia também a bolsa do furriel enfermeiro.

Assim acabou mais uma operação, sem termos azar nenhum, Graças a Deus.



**– 8 de Abril de 1968**

O acampamento da Companhia foi alvo de uma flagelação turra, que causou 4 mortos e 14 feridos entre os trabalhadores da Fazenda Beira Baixa.

Durante o contra-ataque, conseguimos matar alguns turras.



**– 1 de Maio de 1968**

O acampamento da Companhia foi alvo de outro ataque turra, mas não houve mortos ou feridos, Graças a Deus.



**– 7 de Maio de 1968**

Na picada da Beira Baixa para Nambuango, rebentou um pneu a um Unimog, que depois embateu numa barreira, causando três feridos: um deles, grande camarada meu, ficou com um grande golpe no rosto e sangrava abundantemente; o condutor João “da Pedra”, meu conterrâneo, ao vê-lo assim e sem dar acordo de si, começou a gritar e a chorar, pensando que o rapaz morria. Do local saiu imediatamente uma outra viatura para o acampamento da Companhia, de onde o ferido grave foi evacuado para o hospital de Luanda: ali levou muitos pontos na cara e ficou com uma grande cicatriz, para o resto da vida.



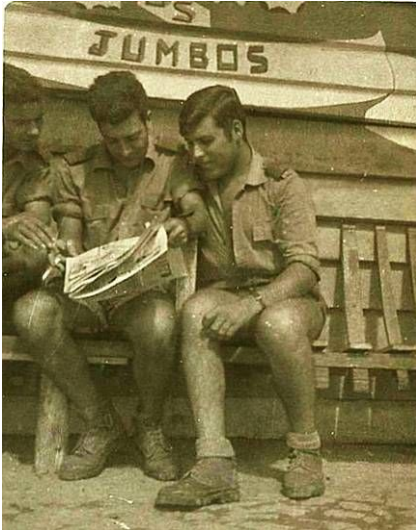
### – 8 de Maio de 1968

Mais uma operação na área do Canacassala.

Na minha secção a bazuca estava entregue a um 1º cabo, bastante amigo de todos nós. Dessa vez não levou a bazuca, não sei o motivo, mas ele ia contente por não ir carregado com aquela arma. Entrámos por um trilho entre Balacende e a Beira Baixa, seguimos sem novidade até que parámos sem saber porquê: passados instantes, os guias disseram que ali costumava estar um sentinela deles; seguimos com mais cautela, mais à frente enganámos-nos no trilho, mas avançámos sem saber se chegaríamos ao objectivo; além disso, por ali seguia também um grande formigueiro de formigas-cadáveres, ao passarmos elas subiam pelas pernas e tivemos de suportar picadas horríveis. Chamada a “DO” para nos informar o rumo correcto, quando chegou sobrevoou o objectivo (que já não era muito longe) e indicou-nos o caminho: o sol já se punha e tínhamos de caminhar para o lado direito do sol. Seguimos então, com mais dificuldade porque íamos a abrir um trilho: por todo o lado se viam armadilhas dos turras, para a caça; mais à frente, quando já se ouviam galos a cantar, reencontrámos o trilho e, depois de pequena paragem para comer um pouco, seguimos com redobradas cautelas. Noite cerrada, parámos e ficou assente que entraríamos no acampamento turra ao alvorecer, que era a melhor hora. Durante a noite tivemos vários sustos, ouvimos cair muitos ramos secos e o IN a dar rajadas, pensando que era para nós: eram os turras, à caça.

Assim que rompeu a claridade seguimos novamente, com a minha secção na dianteira: eu em 5º lugar e à minha frente o meu camarada Vinagre, que nessa operação não levava a bazuca. Mal atravessámos um riacho, caímos numa emboscada: eu e o furriel Ganhão deitámos-nos atrás de um embondeiro, num relance olhei em volta e quando vi o Vinagre de joelhos, ia gritar para que se deitasse mas as palavras não chegaram a sair-me da garganta, porque vi aparecer-lhe no pescoço um fio de sangue; pressentindo que o meu camarada não escapava com vida, nos instantes que se seguiram disparei enraivecido, mas ao começarmos a gritar pelo enfermeiro, os turras cessaram o tiroteio. O enfermeiro ainda lhe deu uma injeção mas todos compreendemos que não havia salvação: outro camarada meu perguntou-lhe se o conhecia, ele só acenou que sim. Instantes depois, a vida fugiu-lhe. Em alguns camaradas viam-se lágrimas nos olhos, mas eu cá dentro tinha uma coisa que não sei explicar, nem chorar fui capaz: fiquei ali a olhá-lo, como se não quisesse crer no que via, mas a realidade impôs-se, o nosso camarada Vinagre estava morto. Tínhamos de regressar: os guias cortaram logo uma grande vara e assim o transportámos, uns e outros, à vez; mas como ele era muito pesado, ainda demorámos imenso tempo até à picada. Ali chegados, aproveitámos para comer qualquer coisa, chegaram as viaturas e iniciámos o regresso à base. Mas ainda não eram percorridos 20 metros, os turras começaram a disparar de todos os lados: o ataque durou cerca de 45 minutos, nós sempre a fazer fogo e eles nunca mais paravam; aqui tive um medo enorme, porque sentia as balas a passar por cima da cabeça e algumas a bater ao lado.

Quando finalmente entrámos no acampamento, todos íamos tristes pelo nosso camarada falecido. E assim, em tristeza, acabou esta operação.



### **– 2 de Junho de 1968**

Os meus camaradas regressaram de um patrulhamento, no qual o meu pelotão não participou.

Conforme um meu camarada me contou, foram cinco dias a penar e muito sofrimento. Partiram pela mata fora, dia e noite quase sempre a andar: o 1º e o 2º dias, sem haver nada. Chegados ao dia 31 de Maio, estavam no pequeno-almoço quando pelo trilho acima apareceu um turra, com a sua velha Mauser ao ombro: começaram aos tiros mas o turra, dando um tiro, conseguiu fugir.

Recomeçaram a marcha até anoitecer, fizeram alto para dormir e no dia 1 de Junho continuaram. Tudo prosseguia sem novidades, ao amanhecer desse 4º dia depararam com o rio Lifune, que atravessaram com a água pelo peito, prosseguindo a caminhada até se fazer noite.

Pelas 09:00 do 5º dia, foram sobrevoados por uma “DO” que os informou do erro de itinerário e reorientou a marcha no sentido inverso. Cerca de uma hora depois, sofreram uma emboscada ligeira e prosseguiram caminho: mas pelas 10:30 foram alvo de ataque mais vigoroso, levando a “DO” e dois jactos a intervir com metralha sobre os turras; a patrulha recomeçou a marcha, durante as duas horas seguintes sobrevoada pelos aparelhos da FAP, mas meia-hora após a aviação sair da zona, os turras lançaram-se novamente ao ataque sobre os pelotões da CCav1773 que estiveram sob intenso fogo inimigo até às 15:30, quando reapareceram a “DO” e os dois jactos que, com a sua intervenção, acabaram com o tiroteio dos turras.

Logo depois a patrulha, sempre sobrevoada pelas aeronaves, reiniciou a marcha até ao ponto de encontro com as outras companhias e dali seguiram para o acampamento da Fazenda Três Marias, onde as viaturas aguardavam para os conduzir de regresso à Fazenda Beira Baixa, felizmente sem quaisquer mortos ou feridos.



### – 15 de Junho de 1968

Poucos dias depois, da patrulha que relatei, fomos fazer uma operação no mesmo local. Sabíamos que por ali o inimigo era bastante poderoso, aquela zona estava infestada pela FNLA e foi com bastante medo que comecei mais esta tarefa.

Até ao Lifune foi tudo bem, mas ao atravessar o rio começaram as dificuldades, muitos camaradas caíram e perderam várias coisas, por exemplo cantis; um do meu pelotão perdeu as botas e eu, para não me acontecer o mesmo, atravessei com botas calçadas e tudo. Na outra margem todos estávamos molhados e esse meu camarada teve de seguir descalço até entrarmos num trilho, onde os guias disseram que havia turras perto. Aí, tivemos de voltar por outro lado, pois não convinha ter contactos antes de chegar ao objectivo, onde iríamos apoiar a companhia encarregue de entrar no acampamento turra, enquanto por outros itinerários seguiam as demais tropas.

Durante a aproximação ao acampamento turra que em Janeiro tínhamos destruído, sofremos um grande ataque: no momento a aviação andava perto e bombardeou aquela área, mas as bombas estavam a cair perto de nós e receei que alguma nos atingisse. Quando dali saímos, tudo ardia à nossa volta. Recomeçámos a marcha até um grande morro pedregoso, onde aguardámos pelo heli que, além de trazer botas para o meu camarada, ia evacuar dois militares doentes. Ali dormimos, em cima de rochas; à nossa volta, pelos morros vizinhos, avistava-se milho, fuba, etc.

Na manhã seguinte, comunicaram-nos que estávamos adiantados às outras companhias e por isso seríamos nós quem iria entrar no acampamento turra: a partir daí, a malta ficou receosa, pois não estava previsto sermos nós a entrar no objectivo e porque aquilo não era propriamente brincar aos cowboys. Prosseguindo a caminhada, passámos uma grande lavra de milho enquanto lá à frente a aviação bombardeava. Depois de atravessar um riacho, onde matámos a sede, em frente havia umas cubatas, mas que evitámos por receio de armadilhas. Após comer a ração de combate, que só de olhar ficávamos sem apetite, prosseguimos até perto do acampamento turra: ao nosso lado direito, a aviação continuava a bombardear; não sei o tempo que passou, tinha os nervos arrasados; sem saber se avançávamos ou não, fumava cigarro atrás de cigarro. Finalmente, veio ordem para interromper a acção e regressar a um morro próximo, onde pousou um heli com pão quente e chouriço: o comandante do sector deu aquilo à malta, como prémio do bom resultado da operação.

Por todos os lados se viam grandes buracos feitos por minas. Se ficássemos ali, no outro dia tínhamos fogo cerrado do inimigo. Seguimos quase a correr e enquanto houve luz solar, ia sempre a olhar para o chão com medo de alguma mina. Chegada a noite, começámos a atravessar uma mata, agarrados uns aos outros e o mais silenciosos possível: mais à frente, caí e perdi de vista os camaradas, recomecei a andar e chamei baixinho pelos outros que vinham agarrados a mim, mas estava já fora do trilho e continuei a chamar, não obtendo resposta tive de gritar e lá me responderam. Mais à frente passámos por um rio, onde enchemos os cantis, a seguir entrámos num grande capinzal, sempre a andar e nada mais que capim, a andar e a dormir em pé, toda a noite nisto. Presentíamos estar perto da velha picada mas os guias ainda tiveram de lançar um 'very-light', pois ao certo não sabiam onde estávamos. Chegámos finalmente à picada, mas ainda voltei atrás com mais alguns, para recuperar o bernal que um camarada havia perdido. Dali até às ruínas da "Fazenda 28 de Maio", de onde a artilharia tinha bombardeado aquela zona, foi um pulo e assim que chegámos, logo caímos uns e outros, cada qual para seu lado, a dormir. Entretanto começou o cacimbo a cair, acordei todo molhado, era impossível dormir e resolvi comer qualquer coisa. Das outras companhias, ainda nada se sabia.

Na manhã seguinte, fomos para o acampamento da Fazenda Três Marias, onde as viaturas nos iam buscar: quando chegaram com sandes e cervejas para todos, foi uma alegria; para nós tinha acabado mais uma operação. Sem mais novidades, prosseguimos para a nossa querida Beira Baixa e depois de ali chegados, tivemos informação que as outras Companhias, ainda no mato, sofriam sob fogo cerrado de uma grande emboscada dos turras e esperavam a aviação para as auxiliar. Só assim conseguiram de lá sair.

### **– 7 de Setembro de 1968**

Numa das Companhias pertencentes ao nosso Batalhão houve um morto, um rapaz que morreu pelas mãos de um camarada, por engano: ao sair de uma cubata, o camarada disparou sobre ele, pensando ser um turra.



### **– 1<sup>os</sup> dias de Novembro de 1968**

Fomos fazer mais uma operação, que para mim foi aquela onde mais me sacrifiquei: na noite anterior ardia em febre mas, como estava escalado para ir, não me queixei, pensando que no outro dia já devia estar bom. De facto logo pela manhã, quando partimos já estava melhor, mas ao começarmos a subir, logo à saída do acampamento notei que as forças me faltavam e ainda pensei em me queixar, mas não: se tinha começado, tinha de ir até ao fim.

Entrámos por uma fazenda de café abandonada, com as moradias destruídas pelos turras. Após o pequeno-almoço, dali prosseguimos e, ao longo da manhã e mesmo depois do almoço, nada a assinalar até que, avançando por um trilho, de repente recebemos o passa-palavra para silêncio absoluto: um turra vinha descontraído por ali e quando apareceu à vista disparámos, ele conseguiu fugir, ainda fui atrás dele mas apenas vi sangue num pau que ele trazia; ferido, tinha sido com certeza.

Continuámos, o calor apertava e mais à frente fiquei com um pé preso, numa pequena armadilha de caça, feita pelos turras. Ao anoitecer começou a chover muito e passado pouco o corpo todo me doía e também a cabeça. Durante toda a noite, o cacimbo caiu com intensidade: para adormecer, dava voltas e reviravoltas, no chão, mas não consegui.

Ainda não tinha rompido a aurora, quando iniciámos os preparativos para prosseguir, queixei-me ao enfermeiro, ele deu-me alguns comprimidos. Daí para a frente e até pararmos para comer, comecei a ter frio e muita dificuldade em andar: nada comi, apenas leite condensado e água. Quando parámos junto a um rio para encher os cantis, deitei-me no chão para ver se ganhava forças de continuar, mas ao reiniciar a caminhada os meus camaradas já me levavam a arma e o bernal: senti-me mais leve e com mais fé em chegar ao fim com os demais, mas a febre persistia e adiante, após um grande ataque de tosse, deram-me uma pinga de aguardente que vomitei; então o enfermeiro deu-me uma injeção e mandaram-me para a dianteira, a fim de não atrasar a marcha.

Pouco depois de passarmos por umas cubatas onde nada encontrámos, soubemos que estávamos perto do objectivo pois ouvimos turras a falar e os meus camaradas resolveram chegar-se o mais perto possível mas, ao atravessar o riacho que nos separava dos turras, um dos nossos escorregou numa rocha, a malta começou logo a disparar mas os turras já tinham fugido como lebres. Dali saímos rapidamente mas, poucas centenas de metros adiante, não aguentei mais e sem forças caí no chão. No momento circundava por ali uma “DO”, de onde informaram que nenhum heli havia disponível para a minha evacuação e por isso assim teríamos de prosseguir, mas eu já nem estava capaz de me levantar e as lágrimas vieram-me aos olhos, por me saber um grande estorvo para os meus camaradas; eles ainda tentaram improvisar uma padiola para me levar até que, poucos metros andados, vendo-os também em grande sacrifício ao me levar assim, cerrei os dentes e novamente tentei caminhar, agarrado a dois camaradas, indo na frente os guias a abrir trilho, o que ainda mais dificultava a minha caminhada. Quando entrámos na fazenda abandonada, apareceu um heli que me levou directo ao hospital de Luanda, onde cheguei já de noite: da maca para uma ambulância e dali para a enfermaria, ainda em cima da maca tiraram-me sangue para análise e deram-me uma injeção, depois meteram-me numa cama com lençóis brancos, tão branquinhos como desde há muito não via; estive ali pouco tempo e, quando me transferiram para o Hospital, os lençóis já eram mais pretos que brancos.

Nos onze dias que estive no hospital, deram-me comprimidos e injeções, tiraram-me sangue. A comida era sempre a mesma: leite, de manhã e à tarde; ao almoço, tudo insonso e sem molho, arroz com um bifito que cabia na cova d’um dente; e ao jantar, sem azeite nem vinagre, uma posta de pescada com batatas insonsas.

No meu quarto, três outros doentes compravam sandes, bananas e bolos; enquanto eu, que apenas tinha a roupa com que ali cheguei, nem dinheiro ou alguém conhecido, nada! O remédio era dormir, para passar a fome e o vício do tabaco.

No penúltimo dia, veio então um camarada da Companhia com dinheiro e outras coisas que tinha pedido: mandei logo comprar bananas, bolos e cervejas; quando acabei de comer e beber, fumei um cigarro que me soube o melhor até à data.

Do Hospital, fui para os Adidos aguardar transporte. Ali estive mais cinco dias e onde também passei mal: tinha de dormir vestido em cima do colchão, que parecia pedra; e também ia sendo castigado por um sargento, por causa de uma dispensa. Finalmente chegou o dia de regressar e foi com grande alegria que fui recebido pelos meus camaradas, um dos quais foi louvado porque, apesar de então também se encontrar doente, foi quem mais me ajudou.

E assim terminou esta operação, na qual nada houve de pior a lamentar, Graças a Deus.



### **– 7 de Dezembro de 1968**

Fui fazer uma operação ao Quingimbe.

Saímos às 05:00 pela mata sempre a andar, a meio da tarde chegámos às imediações do acampamento turra, sem que eles tivessem dado pela nossa presença: aquilo estava vedado por paliçadas e só havia uma entrada; eu estava a meio do nosso dispositivo e de repente ouvi vozes logo seguidas por uma rajada; imediatamente disparámos para todos os lados e iniciámos barragem de morteiro. Conforme íamos disparando, íamos avançando: quando entrámos, já não vimos ninguém e começámos a revistar as cubatas, onde encontramos uma Mauser, catanas, munições, dinheiro, roupas, etc.

Depois de tudo estar revistado, começou a caça às galinhas mas eu olhava em volta, sempre com receio de que algum turra ainda ali estivesse por perto.

Fiquei admirado ao ver tudo muito limpo, não se via uma folha no chão. Até àquela data, foi o maior acampamento que tínhamos encontrado.

Queimámos tudo e logo a seguir iniciámos o trajecto de regresso, pelo mesmo trilho em que tínhamos vindo: alguns dos camaradas ainda viram turras mortas, mas fora do acampamento.

Atrás de nós, um enorme clarão: só à minha conta, tinha largado fogo a dez cubatas.

Seguimos em passo acelerado, muitas vezes a correr e sempre à espera de qualquer emboscada dos turras. Mas nada aconteceu, tudo correu bem.

Andámos o resto da noite e às 12:00 do dia 8, muito cansados e cheios de sede, finalmente chegámos à picada de Balacende para a Beira Baixa, onde aguardámos as viaturas para nos levar. E assim acabou esta operação, que foi aquela em que mais êxitos obtivemos e para mim a que mais gostei de fazer.

Passados dias, soubemos que tínhamos liquidado mais de trinta turras.

Os nossos camaradas mortos, estavam a ser vingados.



### **– 2 de Janeiro de 1969**

Saímos ao anoitecer, para mais uma operação na área do Canacassala.

Lá seguimos pela mata com o coração nas mãos e assim que entrámos no trilho ouvimos um tiro, deitámo-nos logo ao chão mas como nada mais se ouviu, levantámo-nos para andar mais um centena de metros até que os turras dispararam uma rajada e todos nós outra vez no chão.

Apesar de termos sido descobertos pelos sentinelas, recomeçámos a marcha por aquele trilho que nos levava ao objectivo, cuja entrada alcançámos às 03:00, sob grandes rajadas dos turras. O nosso contra-ataque pôs o inimigo em fuga, entrámos naquele acampamento onde nada encontrámos de interesse e ali dormimos.

Às 10:00 desse dia 3, quando nos preparávamos para seguir, aparece por detrás das cubatas um turra com intenção de nos alvejar. Reagimos prontamente com alguns disparos mas o turra, antes de ter conseguido fugir, ainda deu um tiro.

Dali saímos por outro trilho e, ao chegar ao fundo de um morro, quando nos preparávamos para entrar numa lavra fomos atacados por tiroteio dos turras, ao qual correspondemos em fortes rajadas de varrimento até que, do outro lado, nada mais se ouviu. Pressentindo que ainda estariam por ali, andámos mais um pouco e eles a fazer fogo novamente, nós sempre a responder e a andar, os turras sempre aos tiros e lá fomos andando por aquele extenso trilho dentro da mata, até chegarmos a um entroncamento de trilhos, onde fizémos alto para melhor nos orientarmos. Chamada a “DO”, passados poucos minutos já nos sobrevoava e indicou-nos o rumo, que afinal era pelo trilho que havíamos previsto seguir. Cerca de 500 metros adiante, uma surpresa com que não contávamos: intenso tiroteio turra, carregámos sobre eles e entrámos num acampamento; feitas as revistas, recolhemos o que havia de interesse e no final queimámos todas as cubatas. Recomeçada a marcha por aquele mesmo trilho, rumo ao último objectivo, até ouvirmos galos.

Iniciada a aproximação ao dito “quartel-general dos turras” do Canacassala, por volta das 19:00 desse 3 de Janeiro ouvíamos melhor os galos e as galinhas, até que deparámos com inúmeras cubatas: era um enorme acampamento, mas sem vitalma, tudo muito em sossego até revistarmos uma cubata cheia de galos, galinhas e pintos; quase todos trouxemos duas ou três galinhas, cada um. Ali estivémos a descansar um pouco e por volta das 21:00 recomeçámos a marcha, não sem antes termos largado fogo a tudo: agora ouviam-se muitas balas a estalar com o fogo, balas que os turras tinham deixado nas cubatas.

Dali seguimos sempre com destino à picada, ainda passámos por alguns acampamentos mas não havia ninguém. Mais à frente num morro limpo, a fazer um luar que parecia de dia, deparámos com uma armadilha montada pelos turras e após a desmontar prosseguimos por entre grandes lavras que íamos destruindo, até que chegámos a um trilho. Estava minado e o rebentamento apanhou dois dos guias da frente: um deles muito ferido nas pernas, não podia andar e ali ficámos até clarear.

Quando rompeu a aurora recomeçámos a marcha, vagarosa com o ferido numa padiola, durante muitos quilómetros por morros limpos e sempre com receio de sofrer alguma emboscada, até que avistámos ao longe a picada. Entretanto fomos sobrevoados por uma “DO” que indagou se era necessário algum auxílio, mas nada mais sucedeu e, muito cansados, chegámos à picada onde estavam os carros-de-combate e algumas viaturas para nos trazer: mas ainda tivemos de esperar pelo resto das viaturas; cada qual deitado para seu lado, a descansar e a encher a barriga de água. De vez em quando, os turras lá disparavam uns tiros; e nós respondíamos, sempre.

Quando a coluna de 40 viaturas, com mais 2 carros-de-combate, iniciou o regresso aos nossos quartelamentos, íamos todos a pensar que os turras não se ficavam e contávamos com uma grande emboscada. E assim foi.

Mal andamos mais um pouco, começou o estouro de balas por todos os lados: os turras a fazer fogo com grande intensidade, nós a ripostar com 13 Bredas, 9 metralhadoras MG, bazucas, morteiros, granadas, carros-de-combate, tudo a fazer fogo. O inimigo não se calava e assim estivemos hora e meia, debaixo de fogo. Quando demos conta, de que os turras não abrandavam o tiroteio e nós já com falta de munições, saltámos para o lado das viaturas até sair da zona de morte e assim prosseguimos ao longo de mais três quilómetros, sempre com o inimigo a fazer fogo e nós sempre à espera que alguma bala encontrasse o nosso corpo.

Quando ultrapassámos aquele troço, toda a mata ardia e um carro-de-combate já dali tinha saído, porque os turras sobre ele lançaram granadas incendiárias. Passou-se tudo isto, por volta das 14:00 de 4 de Janeiro.

Quando reentrámos no nosso acampamento, era uma nova vida para nós: bebendo muita cerveja, cansados mas felizes por todos chegarmos com saúde.

Falava-se muito do Canacassala e foi desta que ficamos a saber, o que era “o Canacassala”.

Para nós, a missão no mato estava quase cumprida: com a consciência tranquila, porque tínhamos vingado um pouco os nossos camaradas mortos.

### **– Resumindo**

Além de todas estas operações, quero deixar aqui também o meu testemunho de uma outra que, por a não ter escrito na altura, não sei datas nem muitos pormenores e já não me lembro.

Nessa operação, eu soube o que era a verdadeira fome e sede: fome, por termos de comer erva; e sede, por bebermos azeite das latas de conserva.

Também fizemos colunas de protecção aos MVL (Movimento de Viaturas de Logística), que abasteciam o Exército com víveres.

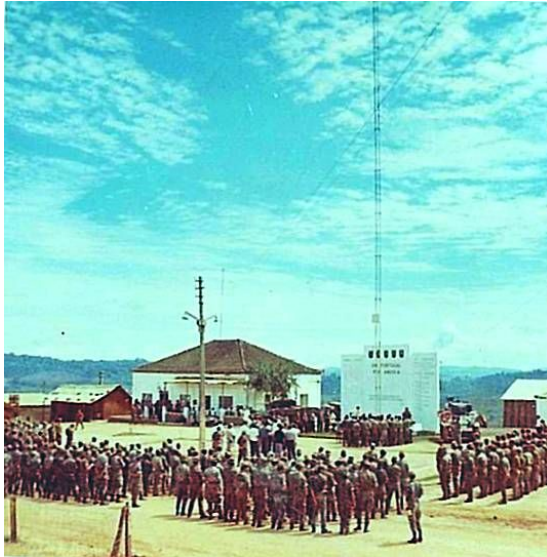
Mas tudo o resto – patrulhas, emboscadas, etc. –, se fazia no mato.

Nos momentos de descanso, jogava às cartas e ao loto, escrevia, lia, etc.

Na chegada do correio, era uma alegria; mas uma imensa tristeza, quando não recebíamos.

O comer era mau, muitas vezes passei fome: querer comer qualquer coisa e não tinha.

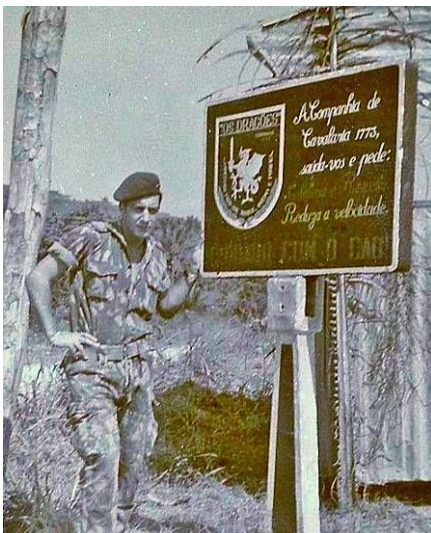
Mas o tempo passava-se, era o que era preciso.



**- 3 de Fevereiro de 1969**

Quando chegaram os “maçaricos” – a tropa que nos ia render –, foi um dos dias mais alegres da minha vida.

Nesse dia, apanhei uma grande piela.



**- 13 de Fevereiro de 1969**

Já cá em baixo, no Quifangondo e no Cacuaco, a tropa para mim foi boa.

Só os dias é que custavam a passar, sempre com o pensamento na terra, na Família, etc.

Mas tudo há-de passar.



**- 25 de Novembro de 1969**

A Peluda aproxima-se.

Dou Graças a Deus, por tudo haver corrido bem.